

**CONFLUÊNCIA DE SISTEMAS
SISTEMAS FONÉTICO-FONOLÓGICO:
UM ESTUDO DO CASO EM WARI' (TXAPAKURA)
À LUZ DA FONOLOGIA FUNCIONALISTA.**

Selmo Azevedo Apontes (CELA, UFAC)
selmo@ufac.br

Segundo Aryon Dal Igna Rodrigues (1999):

Embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver num país monolíngue, o Brasil é na verdade multilíngue: nele são aprendidas como línguas maternas cerca de 200 línguas. A singularidade linguística do Brasil está em que uma dessas línguas, o português, é hoje extremamente majoritária e as demais são todas extremamente minoritárias.

Resolvemos refletir sobre os processos de interação linguística no que concerne à adequação fonético-fonológica de um sistema linguístico ao interpretar dados de outro sistema linguístico.

A partir do momento em que as línguas estão em contatos, os processos de reconhecimento do que se ouve, do que se entende e do que se produz ou se articula, começam a interagir. E nesse momento de interação, sempre algo de uma língua acaba despertando atenção; primeiro, o que mais chama a atenção são as diferenças, depois as similaridades.

No caso dos contatos entre povos com estruturas linguísticas diferentes o processo de contato é o mesmo¹⁵.

Vejamos o seguinte exemplo:

Em julho de 2004, acompanhei a professora Maria do Socorro Barbalho Pimentel no Projeto de Formação dos Professores Indígenas, que foi desenvolvido nas aldeias dos povos indígenas de Guajará-Mirim, RO, principalmente no que diz respeito aos povos Wari' (Pacaás Novos). Durante o encontro de linguística, cujo tema era o bilinguismo, foi proposto aos professores indígenas em formação a

¹⁵ Não quero aqui me deter no problema da "forma do contato" porque isso levaria o artigo para outro rumo, não o pretendido no momento.

tradução de um bilhete¹⁶:

- Perguntamos como seria o seguinte bilhete com alguns produtos comprados escrito na língua deles:

a) *Eu comprei açúcar, feijão, macaxeira, café e bolacha.*

Num primeiro bilhete escrito à 13 mãos, apareceu *Kop* porque eles plantavam macaxeira.

b) *kut inain açúcar, feijão, kop, café e bolacha.*

Acrescentamos logo após *macaxeira*, a palavra “arroz”. E pedimos que escrevessem como seria um bilhete contendo as palavras acima com a escrita de alguém que estava aprendendo ainda o português e tinha um relativo domínio da escrita.

c) *Kut nain axoka, pixao, kop, ahoz, kahe ye moraxa.*

A partir do escrito, podemos estabelecer um quadro comparativo¹⁷

açucar	Axoka	s→
Feijão	Pixao	f→p/ →
macaxeira	Kop	
Aroz	Ahoz	→ h
café	Kahe	f→h
bolacha	moraxa	b→m/ l→

À primeira vista, podemos perceber um “distanciamento” do uso das consoantes. Mas o que aconteceu realmente? Quais processos interpretativos nortearam o uso e a “troca” por esses sons consonantais e não por outros? Que teoria pode embasar o estudo de um foco articulatório? Que teoria pode fundamentar uma explicação do

¹⁶ Para este caso especificamente, a escrita vai representar os atos da fala, com os empréstimos fono-acústico-articulatórios, ainda mais que a grafia usada pelos Wari para transcrever e escrever a sua língua é (quase) fonológica.

¹⁷ Vamos nos ater aos processos de empréstimos fonético-fonológicos e não ao aspecto da escrita. Porque nesse caso a escrita corresponde aos atos da fala. Também nos restringiremos aos sons consonantais.

ponto perceptivo e conseqüentemente produtivo? O estudo dessas "trocas", mudanças aparentes, podem ajudar a entender o fenômeno produtivo de algumas consoantes como as oclusivas bilabiais oral-sonora e nasal?

Hildo Couto (1983, p. 106) diz que “um som qualquer só será som da fala se for produzido (codificado) dentro de determinados parâmetros (código). Do contrário, não será reconhecido (percebido) pelo ouvinte, já que reconhecer, perceber (decodificar) pressupõe conhecer (ter codificado na mente)¹⁸.” Essas “trocas sonoras” não acontecem por acaso. Entre o produzido e o ouvido há um processo interno de percepção do *output* articulatório, quer dizer que é um *input* perceptivo da seqüência fônica. A seqüência sonora é captada por um subitem de especificação perceptual que toma todo o produzido (*output* articulatório) e interpreta segundo uma *representação subjacente (input perceptivo)*. Em outras palavras, ocorre a ação de, no mínimo, três ‘gramáticas’ (estruturas de adequação internalizada do material acústico-articulatório-perceptivo-produtivo): a *gramática da produção*, a *gramática da percepção* e a *gramática do reconhecimento*. A gramática da produção está centrada no *output articulatório* (naquilo que se produz)¹⁹; a gramática da percepção no *output perceptual* (todo o material fono-acústico-articulatório percebido pelas estruturas internas); e a gramática do reconhecimento centrada no *input perceptivo*, onde ocorrem as especificações perceptuais através das representações subjacentes (todo o material interpretativo do *input acústico*, do *input perceptivo* e do *output produtivo* da estrutura linguística).

1. Do ponto de vista da fonologia funcionalista

¹⁸ Rodrigues (1999) diz que “toda língua opera com unidades de forma e significado e com regras de combinação dessas unidades. As formas dessas unidades, que se chamam morfemas, têm sua substância formada por unidade de outra ordem, os fonemas, estes constituídos por sons produzidos pelos órgãos da fala do corpo humano. O repertório de sons que podem constituir os fonemas é muito grande, mas cada língua utiliza só um conjunto bastante limitado. Como alguns fonemas podem ser constituídos por dois ou mais sons, os inventários de fonemas são ainda mais limitados.”

¹⁹ No caso, seriam duas gramáticas produtivas, exemplo do falante-ouvinte 1 e do falante-ouvinte2.

Em se tratando dos contatos linguísticos os adeptos da Fonologia Funcionalista desenvolveram uma teoria que utiliza as capacidades gerais do comportamento motor e da percepção humana para descrever e explicar *os dados* das línguas do mundo. Isso permite prever e aclarar as generalizações relativas à organização da fala humana e *resolver* questões fonológicas polêmicas, em se baseando apenas na separação entre o papel da articulação e o papel da audição dos sons da fala. A partir de uma síntese entre os pontos de vista “fonético” e “fonológico”, a teoria da Fonologia funcionalista exprime os princípios explicativos funcionalistas como a *minimização do esforço articulatório* e da *minimização da confusão perceptual*, diretamente dentro de uma gramática descritiva formal.

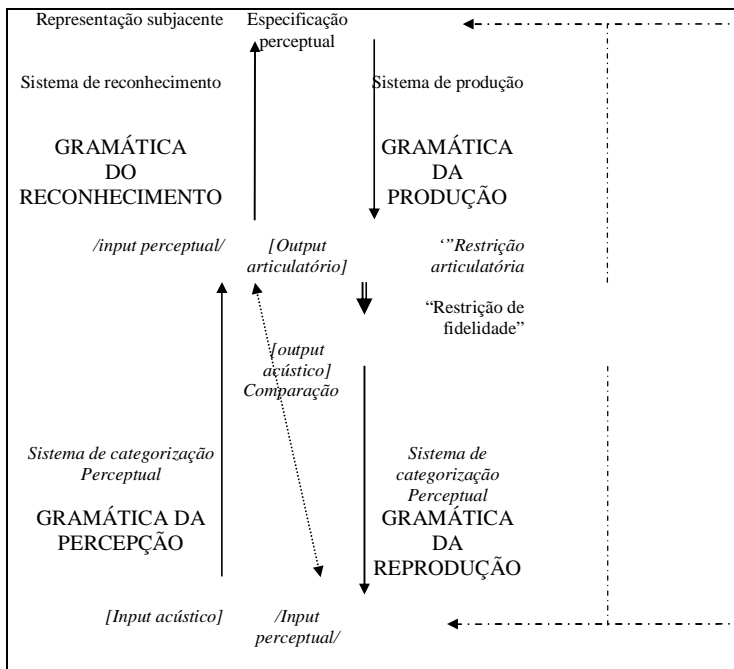
Na primeira parte de seu trabalho, Boersma explicita as dicotomias e as relações existentes entre articulação e percepção.

Na segunda parte, ele coloca a questão de saber como será a fonologia segmental no caso de adesão aos princípios funcionalistas da produção e da percepção da fala.

Na última parte, ele avalia a adequação empírica de sua teoria nos diferentes subdomínios da fonologia confrontada com os dados das línguas do mundo.

Veja na página seguinte um modelo esquematizado da Fonologia Funcionalista.

Para corroborar as explicações funcionalistas que são colocadas em termos de interações entre articulação e percepção, Boersma faz uso do modelo de produção e de percepção com simulação, *de tal modo que desenvolve* um novo modelo de compreensão do aparelho fonatório, *assim como* uma simulação numérica de sua *aerodinâmica e de sua miolástica*. Utilizando certos métodos de análise fundados sobre a percepção, Boersma tem verificado a conveniência de um modelo articulatório com a simulação de diversos *eventos* similares à fala.



Representação articulatória e perceptual

1.1. Princípios funcionalistas e restrições articulatórias e perceptuais

O propósito de uma comunicação eficiente e efetiva pode ser exprimido através de certo número de *princípios funcionalistas*, os quais têm sido formulados originalmente para explicar as mudanças históricas dos sons. Segundo Passy (1891), as mudanças fonéticas têm tido as mesmas causas que aquelas que motivam a existência própria da linguagem: “*nous parlons avec l'intention d'être compris*”²⁰.

²⁰ “falamos com o propósito de sermos entendidos (escutados, compreendidos)”

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

1.1.1. Princípios funcionalistas da produção da fala

Há dois princípios base, colocados em relevo pela Fonologia Natural de David Stamp (1972), que são os princípios da *minimização de esforço* do locutor e do princípio de *minimização da confusão perceptual* do auditor.

1.1.2. Princípio funcionalista do canal de comunicação

Há o princípio de *maximização do fluxo de informação* que pode ser parafraseado da seguinte maneira: coloque tantos "bits" (unidades) de informação quanto for possível em cada segundo de fala.

1.1.3. Princípios funcionalistas da percepção da fala:

Há dois princípios base. O primeiro é a *maximização do reconhecimento*: o ouvinte *tentará (se esforçará para)* fazer um uso máximo da informação acústica disponível para reconstruir a significação do enunciado. O segundo é a *minimização de categorização*: diante de um mundo de amplas variações entre os locutores e ao interior de cada um deles, a desambiguação de um enunciado é facilitada *quando* existem amplas classes perceptuais para aquele *input* perceptual e suas categorias.

1.1.4. A Hipótese funcionalista para a fonologia

As mudanças diacrônicas do som, os processos fonológicos sincrônicos e a estrutura dos inventários dos sons são construídos de tal maneira que os seguintes comportamentos naturais vão poder ser observados:

O falante minimizará seu esforço articulatório e organizacional, quer dizer ensaiará minimalizar o número e a complexidade de seus gestos articulatórios e de suas coordenações:

- a) o falante minimizará a confusão perceptual entre enunciados com diferentes significações;

- b) o ouvinte minimizará o esforço necessário à classificação; quer dizer que ele utilizará o menor número possível de categorias perceptuais;
- c) o ouvinte minimizará o número de equívocos de reconhecimento, quer dizer que ele ensaiará utilizar o máximo de informação acústica;
- d) o falante e o ouvinte maximizarão o fluxo de informação

2. O fonema

Sabemos que cada língua dispõe de um número determinado de unidades fônicas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação a outra. O fonema era tratado como uma unidade menor que na pode ser analisada em outras unidades menores, ou seja, como unidade indivisível. (BENTES, 152)

Essas unidades podem ser reorganizadas a partir da ausência ou não de composição de uma série de traços, que fará ou não a distintividade em uma dada língua.

Vejamos um exemplo sintético:

				TRAÇO DE CAVIDADE			TRAÇO DE MODO DE ARTICULAÇÃO		
	sonoro	surdo	coronal ²¹	anterior ²²	Distribuído ²³	nasal	contínuo	Lateral	
p	-	+	-	-	-	-	-	-	
b	+	-	-	+	+	-	-	-	
m	+	-	-	+	+	+	-	-	

²¹ São produzidos com o ápice ou a lâmina da língua elevada acima de sua posição neutra.

²² São produzidos com uma obstrução na parte anterior do trato vocal, numa região situada entre os lábios e a arcada alveolar.

²³ São aqueles produzidos com uma constricção que se estende por uma distância relativamente longa no nível linha central do trato vocal.

Se nos atentarmos, perceberemos que entre o /b/ e o /m/ a única diferença de traços é na nasalidade. Quanto aos demais, permanecem com as mesmas características fonoarticulatória. Eis o princípio da nossa discussão.

No caso das características semelhantes entre os dois fonemas acima citados podemos, à luz da teoria funcionalista, que:

- a) o falante²⁴ minimizará seu esforço articulatório e organizacional, quer dizer ensaiará minimalizar o número e a complexidade de seus gestos articulatórios e de suas coordenações;
 - tendo os dois sons as mesmas características, e diferenciado apenas no traço nasal, são interpretados como idênticos e tendo o mesmo valor fonético-fonológico.
- b) o falante minimizará a confusão perceptual entre enunciados às diferentes significações;
 - no caso de “feijão” e “pixao”, o sistema fonético Wari não possui o som /f/, mas para não haver uma confusão perceptual, ocorre uma adequação quanto ao ponto de articulação que seja mais “próximo acusticamente”, daí a fricativação do /f/ é interpretado com a oclusiva mais próxima, tornando o /p/ um som produtivo, amplo...
- c) o ouvinte minimizará o esforço necessário à classificação; quer dizer que ele utilizará o menor número possível de categorias perceptuais;
 - nesse caso: sendo o / / é interpretado quase como uma africativação, ou fricativa, e não como aproximante. Daí a classificação em / /;
- d) o ouvinte minimizará o número de equívocos de reconhecimento, quer dizer que ele ensaiará utilizar o máximo de informação acústica;
 - no caso de “feijão” o /f/ foi interpretado como /p/; e no

²⁴ Aqui, no caso do falante, será subentendido os “escritores” indígenas.

caso de “kahe”, representado por /h/; por que agora esse mesmo som foi interpretado como /h/, uma aproximante? O sistema de reconhecimento do material acústico minimizou equívocos. À primeira vista parece fuga de uma “suposta regra”, mas, no primeiro caso o /f/ é interpretado como /p/ também pelo fato do som ser realizado mais forte que no segundo, e se analisarmos pelo ponto de vista da fonação, veremos que o primeiro exemplo é surdo, no segundo exemplo é o /f/ é sonorizado pelas influencia do contexto fronteiroço das duas vogais, o que dá um reconhecimento mais “brando” ao som. Daí a interpretação em /h/ e não em /p/. Não é equívoco, e sim o apoio das informações acústicas constantes no fone;

e) o falante e o ouvinte maximizarão o fluxo de informação

- no caso de “moraxa” para “bolacha”, o primeiro caso já foi comentado: do som /b/ para /m/, falta falar do /l/ para / / . A maximização do fluxo de informações é, nesse caso, adotar um sistema de transposição quase que automática de preenchimento de “casas” fonéticas vazias, ou com menos produtividade e incorporar as novas informações acústicas dentro do material fonoacustico-articulatório determinado pelas estruturas linguísticas subjacente. Não há a “casa” articulatória da lateral ou líquida /l/, mas há o espaço preenchido pelo “tap” / / , que, maximizado o fluxo de informações, tem características semelhantes que a líquida, como a identidade em apenas um “toque alveolar”, distinguindo-se pela forma de posicionamento do corpo da língua.

É que muitas vezes procuramos distinções e separações, em casos onde um número “supostamente reduzido” de fonema estabelece mais características comuns que distintivas, agrupando, maximizando informações, minimizando confusão perceptual, minimizando esforço para classificação, reduzindo equívocos de reconhecimento a partir das informações acústicas constantes não no segmento isolado, mas no segmento estruturado como um todo para, as-

sim, maximizar o fluxo de informação.

O sistema reinterpreta os sons, à primeira vista longe e alheio ao estruturado fonética e fonologicamente, adequando-os nas “casas” fonéticas mais próximas, a partir de um *continuum* da fala.

Tabela fonética do wari, a partir da tabela de protofonemas do protochapakura (ANGENOT & ANGENOT DE LIMA, 2005):

	bilabiais	alveolares	Pós-alveolares	palatais	velares	Glotal
Oclusivas orais						
Oclusiva Oral labializada						
Oclusivas nasais						
Oclusivas nasais Pós-glotalizadas						
Oclusiva ‘tap’						
Oclusivas africadas						
Aproximantes					w	
Aproximantes pós-glotalizada					w	
Vogais altas						
Vogais medias					o	
Vogais baixas						

SISTEMA FONOLÓGICO DO PORTUGUES

	bilabiais	alveolares	Pós-alveolares	palatais	velares	Glotal
Oclusivas oral						
Oclusivas oral						
Oclusivas nasais						
Oclusiva ‘tap’						
Vibrante múltipla						
Fricativas						

Fricativas						
Laterais						
Aproximantes						
Aproximantes pós-glotalizada						
Vogais altas					u	
Vogais médias alta					o	
Vogais médias baixa						
Vogais baixas						

O que à primeira vista aparece como uma “barreira comunicativa” são as “casas” do *locus* fonético faltantes em cada língua (no caso de Wari para Português)²⁵. Uma interpretação fácil e preconceituosa é atribuir a essas “casas” do *locus* fonético fatores sociopolíticos, e não linguísticos. Atribuir fatores muito citados, como: inadequação de aprendizado, falta de inteligência para aprender ou assimilar. Winford diz:

The divers kinds of mixture, change, adaptation, and restructuring that result from interaction between (the users of) different languages have long been of interest to linguistic. At the same time, scholars in the social sciences have devoted much attention to the social aspects of contact between different linguistic groups. For instance, they have investigated the nature of group relationships and group loyalty and how they are reflected in processes of accommodation in some circumstances, and by divergence and conflict in others. (2003, p. 5)

E realmente interessa estudar os processos de acomodação em muitas circunstâncias, nesse caso, “acomodação linguística”, um meio de superar as divergências. Porque, o que parece “erro de aprendizado” (ou formas “indianizadas”) é na verdade uma forma de *manutenção da linguagem*.

Language maintenance refere-se simply to the preservation by a speech community of its native language from generation to generation. Preservation implies that the languages changes only by small degrees in the short run owing to internal developments and/or (limited) contact with other languages. Hence the various subsystems of the Languages –

²⁵ Para mais informação ver o Artigo citado de Aryon Rodrigues, onde na página 2 faz um estudo das *propriedades fonológicas incomuns ou única*, como contribuição das línguas indígenas à linguística geral. Cita o caso da língua Pirahã falada junto a um dos afluentes do rio Madeira, no Amazonas, que tem apenas dez fonemas – seis consoantes, três vogais e o fricativo glotal... Além de tudo é uma língua tonal, com dois morfemas tonais, um tom alto e um tom baixo...

Dependendo do nível de contato, as “acomodações linguísticas” passam a ser reinterpretadas nos vários níveis linguísticos: traços fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Uma difusão estrutural ocorre quando várias línguas são faladas em um espaço geográfico muito próximo, quando não no mesmo lugar. Há uma tentativa de convergência estrutural, percebendo fatores que podem ser aproveitados no sistema linguístico que, por pressão sócio-política, tem de se adaptar.

Essas confluências de sistemas linguísticos de língua materna para uma “língua estrangeira” ou “segunda língua” recebe uma forte carga da influência de *substratum*, que tenta reinterpretar as nuances fonética-acústico-articulatória adequando “o que se ouve” aos traços estruturantes da sua própria língua.

Winford, ampliando o estudo do contato linguístico, elabora um pequeno quadro de “escala de empréstimo” (WINFORD, 2003, p. 30). Vejamos:

Stage		Features
1	Casual contact	Lexical borrowing only
2	Slightly more intense contact	Slight structural borrowing; conjunctions and adverbial particles
3	More intense contact	Slightly more structural borrowing; adposition, derivational affixes
4	Strong cultural pressure	Moderate structural borrowing (major structural features that cause relatively little typological change)
5	Very strong cultural pressure	Heavy structural borrowing (major structural features that cause significant typological disruption)

Borrowing scale

No caso de contato leve a moderado, os empréstimos lexicais tendem a ser adaptados em termos de fonologia e morfologia da língua receptora, e assim se tornam impossível de serem distinguidos de elementos nativos.

À primeira vista podemos não perceber as consequências estruturais dos empréstimos lexicais, porque são acompanhados pela introdução de novos sons, fonemas, bem como morfemas com o qual

podem afetar a fonética, a fonologia da língua “primeira”.

Esses “impactos” de empréstimos lexicais no sistema fonológico implicam uma ação rápida do que a fonologia funcionalista chama de “gramática perceptiva”, adequando os traços fonético-fonológicos novos aos já conhecidos. Ampliando, assim, as informações acústico-articulatórias de cada fonema e seus respectivos alofones para preencher “informação” não dada ou o *lôcus* fonético não preenchido.

As mudanças poderão ocorrer ou não, dependendo do inventário fonético-fonológico. Caso o inventário da língua materna seja em menor número que o da língua “estrangeira” ou portuguesa – como é o nosso caso – ocorre um reordenamento interpretativo, entra em ação a “gramática do reconhecimento” adequando as formas acústicas para as mais próximas, tornando, assim, a “gramática da produção” mais maximizada, convergindo estruturalmente o *output* acústico diferente para um *input* perceptivo que busca minimizar equívocos a partir da utilização do máximo de informações acústicas.

3. Finalização

As convergências estruturais são postas de forma a conseguir estratégias de aprendizado, estratégias de sucesso comunicativo a partir da realocação, da reinterpretação do valor fonético, dotando traços polifônicos (não no sentido baktiniano) ao reconhecimento do fonema e classificação do fonema novo dentro dos traços acústicos equivalentes.

Acontecem estratégias de processos de assimilação, estratégias compensatórias de aprendizado de uma segunda língua, ou mesmo estratégias comunicativas. Essas estratégias fazem uma inovação interna na disposição dos valores fonêmicos. Winford (2003, p. 225) atenta também aos fatos dos princípios reguladores dessa aprendizagem e pergunta: que princípios cognitivos e linguísticos guiam os aprendizes nessa tentativa de reconstruir a gramática da língua-alvo? Que tipo de restrições impera nesse processo?

E o mesmo responde que *pesquisas sugerem que aprendizes, tanto da L1 como da L2, recorrem (ou: se valem de) a certos princí-*

pios operatórios para ajudar a analisar o "input". Tudo isso a partir de parâmetros e não no vazio.

O certo é que o aprendiz-falante foca atenção em princípios cognitivos e linguísticos que regulam o processo de aprendizagem, ajudando-o a maximizar as informações perceptivas e produtivas. Em um primeiro estágio, o que há é uma continuidade da estrutura linguística, uma influência dos processos linguísticos da língua materna aplicados no aprendizado e reconhecimento da segunda língua. Esse *continuum* estrutural é taxado de “formas indianizadas”, isso porque nativizaram a segunda língua, a língua estrangeira.

Ainda, Winford (2003, p. 245) cita Escure notando que o termo, talvez “*fails to capture the dynamic, innovative, and - at least subconsciously – intentional use of old features*” to preserve a group identity distinct from that of the TL group.” O que está em jogo é o que Andersen (1990) chama de “relexificação”, ou “*relexification principle*”: *When you cannot perceive the structural pattern used by that language you are trying to acquire, use your native language structure with lexical items from the second language*” (p. 248). É o que se consegue fazer, nativizar a segunda língua. Porém, adverte que trabalhos sobre empréstimos, ou confluência de sistemas fonético-fonológico (no nosso caso), necessita de muito mais pesquisa: “*On the whole, there is need for much more research on the constraints that govern the diffusion of phonological features, whether due to “borrowing” or to substratum transfer*” (WINFORD, 2003, p. 57).

Às vezes numa pesquisa, ou em um trabalho científico, muitas vezes só vemos o que queremos ver, e não prestamos a atenção para o que não queremos perceber: então um bilhete passa a ser somente um bilhete, e os “erros”, somente erros e nunca possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGENOT DE LIMA, Geralda. *Description phonologique, grammaticale et lexicale du more, langue amazonienne de Bolivie et du Brésil*. Porto Velho: EDUFRO, 2001.

ANGENOT DE LIMA, G. & ANGENOT, Jean-Pierre. *O Proto-*

Chapakura: um balanço. 2005, (inédito).

COUTO, Hildo Honório. *Uma introdução à semiótica*. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

LADEFOGED, P. & MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. USA: Blackwell Publishers, 1996.

LADEFOGED, Peter. *Vowels and Consonants: an introduction to the sounds of languages*. USA: Blackwell Publishers, 2001.

LADEFOGED, Peter. *Phonetic data analysis: an introduction to fieldwork and instrumental techniques*. USA: Blackwell Publishers, 2003.

MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 1. – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

RODRIGUES, Aryon D. *A Originalidade das línguas indígenas brasileiras*. UNB: Laboratório de Línguas Indígenas, IL. Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasil, em 08 de julho de 1999.

WINFORD, Donald. *An introduction to contact linguistics*. USA: Blackwekk Pubishers, 2003.

INTERTEXTUALIDADE NA MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA MARUPIARA JABUTI-BUMBÁ

Keiliane Custódio de Souza (UFAC)
keilianeclaro@hotmail.com

O Marupiara Jabuti-Bumbá é uma manifestação artística criada em 2005 na cidade de Rio Branco (Acre) que tem como idealizadores a família Farias. Esta família, moradora do espaço urbano da cidade de Rio Branco, é constituída por um número representativo de artistas, na qual encontramos poetas, teatrólogos, artista plástico e artesão. A trajetória dessa família é marcada pelos movimentos culturais da cidade de Rio Branco.

Segundo os integrantes do Marupiara Jabuti-Bumbá, esta manifestação foi criada com o propósito de expressar as peculiaridades da cultura acriana atravessadas pela ótica popular. Para isso, recorrem aos acontecimentos históricos do Acre e buscam inspiração no folguedo bumba-meu-boi.

A ideia inicial era criar em Rio Branco um grupo de bumba-meu-boi, porém, criar uma manifestação a qual tem como principal elemento o boi, destoaria da realidade ambiental no Acre, pois o boi neste Estado é estigmatizado como marca de destruição da floresta. Desta forma, para contrapor com a imagem do boi o jabuti é o principal personagem do Marupiara Jabuti-Bumbá e símbolo de resistência da devastação da floresta acriana para a criação dos grandes pastos de boi. Apesar de o jabuti ser símbolo de resistência, por ter um casco grosso e viver em média 80 anos, é um animal vagaroso e por isso torna-se presa fácil de quantos inimigos que dele queiram se apossar e ainda é um dos bichos mais afetados nas queimadas.

No entanto, o jabuti é referenciado na *Marupiara Jabuti-Bumbá* porque além de contrapor com as brincadeiras de bois, ele traz uma resposta ao grande desastre ecológico ocorrido no Acre no ano de 2005, ano da criação dessa manifestação. Desta forma, o *Marupiara Jabuti-Bumbá* não se atém apenas a contar histórias, mais através de seus cantos eles tentam alertar a comunidade sobre a degradação do meio ambiente. No trecho da música *A mata ta caindo* ou *Jabutis e jabotas* – letra e música: Bab Franca – podemos obser-